



FONTE: ASSESSORIA

José Luiz Gomes do Amaral

MÉDICO E PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO MÉDICA BRASILEIRA - AMB

O diálogo em busca das soluções para a saúde

Faz-se necessário, dentro do aparelho do Estado, limitar o poder de influência dos diferentes partidos políticos cujos interesses estão, quase sempre, desalinhados das políticas de Governo

“Ao mencionarmos a questão crítica da atenção à saúde da população brasileira hoje, imediatamente nos remetemos aos rincões do País e às áreas inacessíveis e remotas. Esquecemo-nos, ou simplesmente não nos damos conta, de que a assistência na periferia dos grandes centros urbanos também é desorganizada e distante, talvez não geograficamente, mas tecnicamente. O desaparelhamento é um grave problema do sistema de saúde pública

no Brasil, mas não é o único. A governança está comprometida e fragmentada e não há fluidez de diálogo em busca de soluções.

O financiamento da saúde é essencial, mas antes de discutir como buscar mais recursos para a saúde, faz-se necessário, dentro do aparelho do Estado, limitar o poder de influência dos diferentes partidos políticos cujos interesses estão, quase sempre, desalinhados das políticas de Governo para que a gestão seja mais eficiente.

Tornar a rede de atendimento mais eficiente que atenda aos princípios constitucionais da igualdade em todo o País exige infraestrutura e investimento. A contratação de médicos e outros profissionais de saúde é apenas um dos itens.

Entretanto, não devemos nos iludir com teses e teorias que tem como principal argumento relacionar a melhoria na assistência à saúde da população ao aumento de médicos na rede do Sistema Único de Saúde (SUS). Temos médicos suficientes no País e se a maioria está na iniciativa privada é porque o sistema público é muito pouco atraente.

Se por hipótese fôssemos colocar hoje todos os 340 mil médicos em atividade para atender o sistema no Brasil inteiro, o orçamento do Ministério da Saúde, o maior da Esplanada, não seria suficiente.

Para que o médico se sinta atraído para trabalhar fora dos grandes centros, é preciso considerar, ao mesmo tempo, importantes aspectos a partir do que vem sendo chamado de “busca de um ambiente positivo de trabalho” que inclui resolutividade, equipamentos precisos para diagnósticos, recursos terapêuticos, perspectiva de carreira, interação com a comunidade local e desenvolvimento profissional. Estudos recentes comprovam que a Medicina se renova em 50% a cada quatro anos e a reciclagem dos conhecimentos e habilidades do profissional não se resolve apenas pela internet ou pela telemedicina.

Admitindo que o SUS hoje necessite de mais médicos para equilibrar o nível de atendimento em todo o Brasil, um sistema de rodízio mensal que permita levar para as regiões remotas médicos de especialidades essenciais, pode significar melhorias na assistência da população sem necessidade de fixar um profissional. Estes médicos precisam ter formação adequada e experiência suficiente

para enfrentar os desafios de assistir e tratar pacientes em área inóspitas.

Apesar dos desafios, há de nossa parte, enorme expectativa e ao mesmo tempo franca dose de otimismo com relação ao futuro. O ministro Alexandre Padilha, é um

especialista em diálogo, sensível aos problemas da pasta e do sistema de saúde pública e conhecedor da prática clínica. Ele pode ajudar muito, pois a missão do ministro vai além dos aspectos técnicos. Exige coragem e vontade política para que as soluções oferecidas sejam duradouras e ajustadas à realidade brasileira.”